

CONTOS DO MAR¹

Amanda Medeiros Francisco², Ana Lúcia Beck³, Rosângela Miranda Cherem⁴

¹ Vinculado ao projeto “Se o mar fosse vertical – estudo sobre objetos decorativos do Palácio Cruz e Sousa”.

² Acadêmica do Curso de Artes Visuais – CEART – Pesquisador voluntário de Iniciação Científica.

³ Orientadora, Departamento de Artes Visuais – CEART – analuciabeck@gmail.com

⁴ Supervisora, Departamento de Artes Visuais – CEART – rosangelamcherem@gmail.com

Palco de prestigiosos acontecimentos, o tampouco discreto Palácio Cruz e Sousa ostenta beleza e poesia através de seus elementos decorativos, compondo o complexo arquitetônico e histórico ao redor da Praça XV de Novembro. Segundo Manuel Gomes, em *Do Palácio Rosado ao Palácio Cruz e Sousa*, entre 1894 e 1898, a exuberante construção adquiriu um caráter eclético após sofrer uma grande reforma durante o governo de Hercílio Luz. Conforme o historiador Lucas A. Boiteux, em *Notas Para a Sociedade Catarinense*, após o palacete sofrer tais mudanças, foi apelidado pela população como Palácio de Retalhos. É possível perceber e deslumbrar-se com essa complexidade de elementos ao contemplarmos nosso objeto de pesquisa: os elementos decorativos em estuque pintado localizados no primeiro andar ao redor da escadaria de mármore (figura 1).

Ao percorrermos os distintos espaços do Palácio, notamos as particularidades dos elementos decorativos, repletos de valores simbólicos e ornamentais, envolvendo o espectador em uma alegoria capaz de transportá-lo para outras épocas, despertando sua curiosidade. A decoração envolve aspectos imagéticos teatrais. Contam histórias e contribuem para a constituição do imaginário estético-afetivo, ressaltando a importância da conservação deste patrimônio. Afinal, conforme Neil MacGregor, em *A História do Mundo em 100 Objetos*, “a função dos museus é contar histórias a partir dos objetos”. Participar deste projeto de iniciação científica me proporciona experiências dentro do meio científico e também aguça meu olhar para os detalhes sutis de quaisquer objetos de importância histórico-cultural, elevando a minha vivência enquanto espectadora para um patamar afetivo, na medida em que desenvolvo familiaridade com o espaço e me sinto responsável por cuidar dele.

Como objetivos principais, a pesquisa visa fazer um levantamento das obras que constam no acervo do Palácio Cruz e Sousa; reconhecer e definir as características materiais e técnicas dos objetos e identificar os profissionais responsáveis pela realização dos mesmos; investigar a história, contexto de origem, temáticas e proceder à análise iconológica; elaborar reflexões sobre os conceitos de patrimônio, memória e acervo; divulgar os resultados obtidos em ambientes de promoção científica, bem como para os visitantes do Palácio. Sobre a pesquisa individual, visamos analisar as obras em estuque ao redor da escadaria de mármore de forma a compreender seus aspectos históricos, técnicos, decorativos e simbólicos, estabelecendo paralelos com outras obras do campo das artes visuais. Através destes resultados, esperamos incentivar um olhar ativo e consciente para o Palácio, bem como suscitar e despertar a memória coletiva da população, contribuindo para a conservação da cultura local.

A metodologia de pesquisa utiliza recursos como a revisão bibliográfica teórica; busca por fontes literárias e históricas; visitas constantes ao Palácio, com a finalidade de pôr em prática

o exercício da análise *in loco*, possibilitando a investigação do objeto de pesquisa, elaboração de hipóteses sobre o mesmo e registros fotográficos e artísticos. Por fim, com base na metodologia de Aby Warburg e Alberto Manguel, a analogia entre imagens de origens diversas torna-se um recurso fundamental para compreender amplamente o objeto de pesquisa.

Ao longo do tempo, o Palácio sofreu mudanças, principalmente durante as reformas de 1786 a 1791 e 1895 a 1898, perdendo inevitavelmente algumas de suas características coloniais originais. Ao subir as escadas que levam ao primeiro andar, o visitante é prontamente surpreendido pela escultura de um leão que o recebe (figura 2). Esta figura enigmática e poderosa, que contém traços humanos e olhos intimidadores, simboliza o protetor e guardião do Palácio, resguardando o escritório do governador e o gabinete de despachos que se encontram logo adiante. Esse significado atribuído ao leão é perpetuado desde a Antiguidade, sendo fortemente utilizado na arquitetura italiana, a qual foi referência para os estucadores uruguaios Alberto Pifareti e Pedro Ioo, encarregados pelas composições em estuque pintado. Na parede oposta, acima de um vasto vitral, encontra-se uma faixa feita em estuque pintado que exhibe a data “1898”, ano em que a reforma foi concluída durante o governo de Hercílio Luz. Em ambos os lados do vitral, arcos que levam a outros recintos do Palácio são adornados por esculturas orgânicas de folhas que também envolvem a representação de uma baleia em meio ao mar. O motivo de sua presença é desconhecido, porém possivelmente está relacionado à forte cultura da pesca da baleia realizada antigamente na capital catarinense. Nas duas paredes restantes ao lado, as esculturas acima das portas espelham a figura de Santa Catarina sobre a água, rodeada por ramos floridos e dois distintos dragões, que também mantém seu significado em segredo.

A ressignificação das imagens é constante, por isso sobrevivem e perpetuam seus significados, transmitindo as grandes questões humanas desde o princípio até a atualidade. Ao contarmos histórias a partir das obras do acervo do Palácio Cruz e Sousa, lidamos com as possibilidades da imaginação, ampliando o sentido de realidade proposto pelo material, garantindo que os aspectos sensíveis destes objetos ecoem através da eternidade.

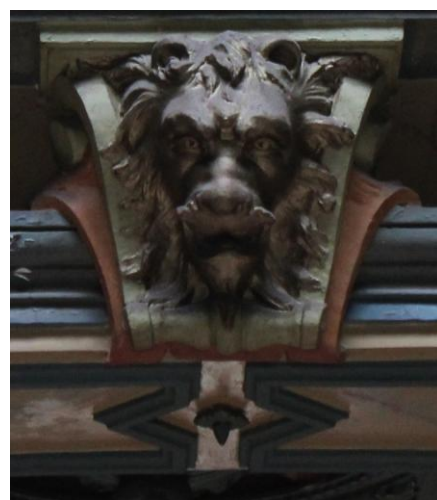
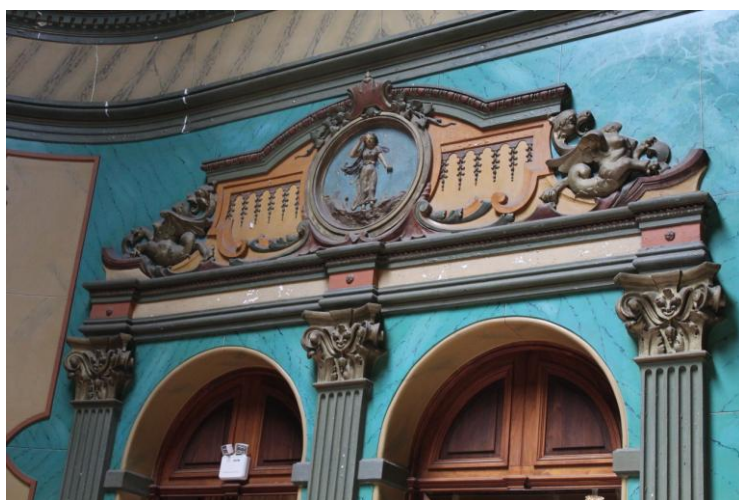


Figura 1. Visão geral do objeto de pesquisa. Registro fotográfico do acervo de Kamilla Sell.
Figura 2. Relevo de leão acima da entrada para o primeiro andar. Fotografia de Amanda Medeiros.

Palavras-chave: Palácio Cruz e Sousa. Decoração de interiores. Patrimônio histórico.